

RELAÇÕES DE PODER: O CORPO NEGRO E A VISÃO DISCIPLINAR DA ESCOLA

Samara Santana Sobrinho Santos- UNINTA¹

Ninfa Emiliana Freire Santos Fausto- UESB²

Rubnilson Sousa Silva- UESB³

Maria do Amparo Oliveira Brito- FICS⁴

Etevaldo da Silveira Caldas – FICS⁵

Resumo: Para compreender como as relações de poder tem abrangência sobre o corpo, na perspectiva dos trabalhos de Análise de Discurso Francesa (AD), o presente estudo/pesquisa buscou pensar e compreender temas como: “o corpo está diretamente mergulhado num campo político; como as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; e como elas o investem, o marcam, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obriga-os a cerimônia, exigindo-lhes sinais”. Assim, buscou-se através dessa reflexão foucaultiana e peuchëtiana, “dar voz” ao “desabafo” e exposição da “dor”; sentimento esse causado pelo efeito do preconceito e da discriminação por conta de um corpo. Percebemos, através dos enunciados coletados entre professores da Rede Municipal de Ensino de um município da região sudoeste da Bahia, como a instituição Escola propaga, impõe e perpetua seu caráter disciplinador através do discurso de normas, regras e de leis. Portanto, neste trabalho, o discurso do sujeito-enunciador da nossa pesquisa não foi analisado como uma simples transmissão de informação, mas como um processo discursivo cujo sujeito é identificado ideologicamente pela materialidade linguística. Para isso, apropriamo-nos das palavras de Eni Orlandi (1999): todo discurso é costurado por fios ideológicos e marcado pelo momento social, cultural e econômico de um determinado povo, num determinado lugar, ou seja: o sujeito não é o dono exclusivo do seu dizer, pois este é sempre atravessado por outros e outros discursos.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Corpos Negros. Escola e seu Caráter Disciplinador. Formações Discursivas (FDs). Resistência.

Introdução: O processo de passagem do espaço empírico para o espaço discursivo, o sujeito-professor inscreve-se num determinado lugar discursivo, o qual está determinado pelas relações de verdade e poder institucional que ele representa socialmente.

Nessa perspectiva, buscou-se, realizar um estudo acerca da relação entre as Formações Discursivas (FDs) que se instalam no ambiente escolar e, como os corpos que nas instituições se encontram, visivelmente os negros, são forçadas a constituir uma imagem alienada ao

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Inta – UNINTA. samarassantos3@gmail.com

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGed/Uesb); Docente da Rede Municipal de Ensino da Bahia; Email: ninfafreire3@gmail.com

³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGed/Uesb); docente da secretária estadual de educação; E-mail: rubinho.felix8@gmail.com

⁴ Mestre em Ciências da Educação pelo Programa de Pósgraduação da FICS – Faculdade Interamericana de Ciências Sociais. Docente da Rede Municipal de Ensino da Bahia. Email: amparocba@yarro.com.br

⁵ Mestre em Ciências da Educação pelo Programa de Pósgraduação da FICS – Faculdade Interamericana de Ciências Sociais. Docente da Rede Municipal de Ensino da Bahia. Email: etevaldocaldas@hotmail.com



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



discurso de “embranquecimento”. Assim, traçar-se-á o percurso que passe pela via dos conceitos de memória discursiva, micro-poder, ressignificação de sentidos, silenciamentos, resistência, identificação e como, também, buscar-se-á entender o processo de ceder ao sentido dado pelo Outro, sentido que leva aos alunos (as) negros (os) a viver um cotidiano no qual a aparência põe em risco a integridade de seu corpo perante a instituição/escola e a sociedade.

Portanto, esses são os trajetos diretamente ligados ao tema. Assim, ao longo da narrativa, pretende-se usar o dispositivo teórico da Análise do Discurso (AD), focalizando os aspectos referentes à dimensão subjetiva das relações étnico-raciais no ambiente escolar, com foco na produção do racismo internalizado, fato que cria a possibilidade de pensar a questão da tentativa de docilização do corpo negro dentro do ambiente escolar, a partir de conceitos advindos dos diferentes discursos: científico, jurídico, pedagógico, culturalista dentre outros. Daí a tentativa de compreender como se tem dado as relações de poder dentro da instituição escolar, através da manutenção de corpos aprisionados a um discurso imposto pela elite dominante e, como esses mesmos corpos resistem e provocam novos discursos de respeito às diferenças.

Objetivos:

Interpretar e compreender as Relações de Poder dentro do espaço educativo, de como se dá o caráter disciplinador da instituição escolar, bem como a tentativa de perpetuar a produção de corpos dóceis negros, utilizando para isso vários instrumentos de poder, tais como o discurso.

Metodologia:

Para a pesquisa, o discurso (com todo o seu conjunto de cada palavras, sons imagens, gestos e símbolos e enunciados) foi entendido pelos princípios teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD), especificamente a abordagem francesa⁶, como uma materialidade simbólica própria e significativa da linguagem que é constituído pela tríade língua, sujeito e história (PÊCHEUX, 1988). Sendo assim, a AD constitui-se como um campo pluridisciplinar que internaliza e ressignifica elementos da linguística, psicanálise e materialismo histórico, para reconhecer a (in) transparência dos discursos. Ou seja, considera que os discursos ao presentificar a exterioridade da língua, carrega uma complexidade das condições históricas, econômicas, políticas, sociais e ideológico que, apesar de não ser facilmente reconhecido os seus sujeitos discursivos e processos constituidores, são interpretáveis.

⁶ A inferência à Análise do Discurso francesa deve-se ao fato de além desta existe a vertente inglesa, não utilizada nessa pesquisa. A corrente francesa, como direcionador desse trabalho, segue os pressupostos teóricos de Michel Foucault e Michel Pêcheux.

É importante destacar que o presente trabalho fundamenta-se na Análise dos estudos Discursivos Foucaultianos e Peuchêutianos, por assim, considerarmos ser um campo do saber cujo objeto é o *discurso*, sendo este considerado como uma instância histórica, social e ideológica. Pois, Orlandi (1999) nos confirma que uma das contribuições dessas teorias/estudos é levar o pesquisador a um estado de reflexão, uma relação menos ingênua com a linguagem, o que implica considerar a historicidade dos sentidos e a materialidade discursiva no processo de interpretação/compreensão.

Portanto, para compor o *corpus* deste trabalho, pensamos no primeiro momento fazer uma análise de como se deu toda a discursivização envolvendo a temática racial, bem como a questão referente à Raça e ao mito da Democracia Racial e seus desdobramentos. Realizamos, ainda, um levantamento histórico/discursivo sobre o Movimento Social Negro Brasileiro e de como se deu o processo de resistência e luta pelo direito à educação. Nessa mesma senda, também, levantamos a trajetória histórica/discursiva das relações de poder existente dentro do ambiente escolar e a ressignificação da prática de “docialização” de corpos – principalmente negros – através dos discursos jurídicos, religiosos, científicos, pedagógicos, transversos, enfim, pelo olhar do “outro”.

Num segundo momento, a ideia foi a de coletar material discursivo, ou seja, ir a campo para, assim, formar o *corpus* necessário para esta pesquisa e, assim, tomar como materialidade de análise o discurso/enunciado fornecidas pelo próprio sujeito-professor. Lembramos que para essa atividade utilizamos a técnica do Teatro-Fórum do Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal. Assim, organizamos encontros com os professores (através de convites feitos pelos coordenadores pedagógicos das escolas). Nesses encontros eram simulados um planejamento pedagógico didático que visava trabalhar o projeto didático da unidade. Usamos, também, como disparador três textos/reportagens⁷ para provocar as discussões em torno da temática. Todo esse “teatro” foi uma forma que encontramos para coletar o material discursivo que tanto precisávamos para complementar o corpus da presente pesquisa.

Discussões/Resultados:

⁷ **TEXTO/REPORTAGEM 1:** “Menina de 12 anos foi ameaçada de ser expulsa, caso, ela não cortasse e mudasse o estilo de seu cabelo. O prazo para a mudança foi de uma semana. Responsáveis pela escola disseram em um comunicado que não estão pedindo que a menina use produtos ou corte seu cabelo, mas que ela o modele de acordo com as regras da escola.” (Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/escola-dos-eua-ameaca-expulsar-menina-com-cabelo-crespo-e-armado.html>. Acesso em 10 de maio de 2016.)

TEXTO/REPORTAGEM 2: “Lei da cultura africana e afro-brasileira: combate à discriminação ou aumento da segregação?” (Fonte: <http://opinioenoticia.com.br/opinio/tendencias-debates/lei-da-cultura-africana-e-afro-brasileira-combate-a-discriminacao-ou-aumento-da-segregacao/>).

TEXTO/REPORTAGEM 3: “Alunos evangélicos se recusam a fazer trabalho sobre a cultura afro-brasileira” (Fonte: <http://acritica.uol.com.br/noticias/Amazonas-Manaus-Cotidiano-Polemica-alunos-professores-trabalho-escolar-afro-brasileiro-evangelicos-satanismo-homossexualismo-espiritismo>).

Iniciaremos as discussões tomando as palavras de Foucault (2004) para compreender como as relações de poder tem abrangência sobre o corpo: “o corpo está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-nos a cerimônia, exigem-lhes sinais”. (p. 229). Assim, através dessa reflexão foucaultiana percebemos, através dos enunciados/coletados abaixo, como a instituição Escola propaga, impõe e perpetua seu caráter disciplinador através de regras, através de leis, do discurso jurídico. Nessa perspectiva, vejamos algumas Situações Discursivas (SDs):

SD – 1: *Ainda tava na vice-direção, fazendo matrícula [...], uma mãe negra, chegou fazendo matrícula. Aí, a criancinha... mas assim, da mesma cor da mãe..., chegar brilhar...(risadas). Aí, perguntei qual a cor? Ela olhou assim pra menina: “branca!” (risadas).*

Ao fazer uma análise da SD1, partimos primeiro do entendimento que todo o processo de negação da cor é histórico. Assim, esse fato é de fundamental importância para compreendermos o sistema de classificação racial no Brasil pois, conhecendo esse processo, entenderemos porque o brasileiro esconde sua negritude. Assim, o fato de esconder a cor não se dá apenas por ter sido a raça negra escravizada, mas também por ter surgido uma forte ideologia que exaltava a miscigenação fundamentada no branqueamento.

No enunciado acima, temos um exemplo desse processo de negação da cor. Pois o que pode ter ocorrido (com a referida mãe) é o fato de a mesma sofrer uma forte influência da ideologia do branqueamento em que pessoas tendem a considerar que somente o outro (no caso, o branco) é aceito, assim acredita que com o processo de miscigenação será considerada incluída na sociedade ou aceita como “igual”. Dessa maneira, procura “proteger” a filha do preconceito que sofrera por anos e ainda, talvez, sofra. Daí a compreensão pelo qual a mãe diz que a cor da filha é branca e não outra cor preta (como imaginava o outro/interlocutora).

Guimarães (2002) nos diz que a questão do discurso da democracia racial, bem como a ideia de um paraíso racial brasileiro, difundida por todo o mundo, acabou por disseminar o imaginário de “um país no qual não havia barreiras institucionais perante a ascensão social dos negros”, ou seja, uma sociedade que, apesar do passado escravista, “constituía-se sem ‘linhas de cor’⁸”. Dessa forma, podemos compreender sobre a origem, a disseminação, os impactos causados no país e os efeitos de sentido produzidos pelo discurso da democracia racial na sociedade, principalmente no ambiente escolar.

⁸ Para Guimarães (2002) o país era considerado como “uma sociedade sem ‘linha de cor’, ou seja, uma sociedade sem barreiras legais que impedissem a ascensão social de pessoas de cor a cargos oficiais ou a posições de riqueza ou prestígio, esta ideia permitiu a construção ‘mítica’ de uma sociedade sem preconceitos e discriminações” (2002, p. 139).

No entanto, a História sempre nos mostrou, através de seus diferentes arquivos, que o primeiro contato que ocorreu entre brancos, índios e negros se deu de forma nada amistosa, que houve um certo estranhamento entre eles. Imediatamente, os negros foram assemelhados pelos brancos a animais, como também, foram considerados feios, estranhos, exóticos, primitivos, dentre outros adjetivos pejorativos. Entretanto, os diferentes estudos e pesquisas nos mostram que esses discursos tiveram uma única intenção: imputar a supremacia branca sobre o negro que não era igual ao europeu.

Nessa seara da não aceitação do que não é “igual”, o enunciado do sujeito- professor, da nossa pesquisa, destaca o incômodo que o “outro”⁹ provoca por não “obedecer”, por resistir aos padrões estabelecidos pela instituição/escola. Portanto, na SD2 esse “incomodo” é muito nítido. Vejamos:

SD – 2: *...É mas aí coloca né... que ela criava o cabelo longo desde o início do ano, a partir do momento que os colegas começaram a reclamar, foi que houve esse impasse aí, (gesticula com as mãos e as passa na cabeça, alisando o próprio cabelo). Então eu acho assim... caberia a ela... porque na verdade incomoda um pouco, né? Tipo: você tá aqui assistindo aula e tem alguém com o cabelo armado na sua frente (risadas)... [...].*

Vejamos as próximas situações discursivas:

SD – 3: *[...] Maria Luísa, com dificuldade... que ela... tinha... Ela tava sofrendo bullying na escola. Resultado: duas cartas na bolsa dela (anônimas) das colegas dela. E, uma carta dizia assim: “negrinha preta do cabelo ruim, você não sabe de nada, você é burra, mais uma vez você vai perder de ano”. Aí, colocou outras coisas e voltou e falou assim: “eu até queria gostar de você, mas pra gostar de negro é difícil! E, você é muito burra!”. Essa palavra burra descreveu na carta todinha e Maria Luísa falava pra mim bem assim: “mais uma vez eu vou perder de ano, mas a senhora não preocupa não, por que eu não vou dar desgosto a senhora, por que eu vou morrer!” (há um silêncio “questionador” no ambiente): “Eu vou morrer porque sempre, sempre a senhora falou pra mim estudar, mas eu não sabia que eu era burra mãe, agora eu sei que sou burra.” [...]. (nome fictício).*

SD – 4: *[...], Olha, lá na escola, aconteceu um fato essa semana de um aluno pirraçando outro, chamando ele tífute preto, não foi, Karina? Tífute preto, cão preto, sabe o que o menino fez? O menino simplesmente enforcou o outro... Ele ia desmaiar, virou o olho... [...]. Ele é preto, ele é negro na verdade, aí, a outra tava chamando ele tífute preto, cão preto, não sei o quê... (nome fictício).*

SD – 5: *...Nós somos mistos, até nós... não temos cor, porque quando a gente faz uma pergunta: qual é sua cor? Eu falo que a gente fala que é pardo, que é branca. Não tem uma definição concreta de qual é minha cor, e eu, vejo também que o preconceito não é só pelo perfil negro, eu acho que é de uma maneira geral, de acordo seu estilo... Até de classes, então, tudo influencia. Sinceramente, não vejo preconceitos aqui, aqui mesmo... na escola, todos são respeitados.*

Consideramos que a memória que vem sendo resgatada na SD3 e 4 tem ecos nas teorias da eugenia, bem como racistas, assim, a retomada a essa memória discursiva amarra os sentidos do “já lá”. Assim, naturaliza o que está implícito no enunciado acima, a exemplo, que “todo

⁹ O “outro”, na Análise de Discurso, e dizendo de maneira breve, refere-se ao interlocutor. Entretanto, o “Outro” refere-se à memória discursiva, à historicidade.

negro é burro”. Vemos o quanto este sentido está implícito quando a posição-sujeito enuncia “até queria”.

Podemos compreender o que esse sujeito diz, ou seja, “que as pessoas podem ser gostadas desde que não sejam negras, pois os negros são burros”. Assim, vemos o quanto a ideologia naturaliza este sentido à custa de parte da memória que é resgatada, de uma premissa que “todo negro é burro”.

Tal premissa silogística precisa ser analisada no quadro da ideologia do branqueamento, já que a mesma divulga a ideia e o sentimento de que as pessoas brancas são mais humanas, mais inteligentes, e, por isso, teriam o direito de “comandar” e de dizer o que é melhor para todos, portanto, são superiores aos demais. Contudo, não podemos esquecer que essa ideologia “bebe” nas políticas de branqueamento, tão propaladas no período pós-abolição. Dessa forma, as mesmas tinham como objetivo o branqueamento da população pela eliminação simbólica e material da presença dos negros.

Nessa perspectiva, é bem provável que pessoas negras e não negras sejam influenciadas pela ideologia do branqueamento e, assim, tendam a reproduzir o preconceito do qual são vítimas. Afinal, o racismo tem o poder de imprimir marcas negativas na subjetividade dos negros e, também, são as diretrizes dos que os discriminam. Daí o discurso do sujeito-professor na SD5 que resgata o mito da democracia racial através da memória discursiva e do discurso culturalista.

Conclusão

Observamos assim, através dos enunciados, o caráter disciplinador que a Escola produz no imaginário desse sujeito que realiza o dito. Assim, esse poder, estaria dissolvido na própria instituição Escola onde o sujeito-professor atua. Então, seria o que Foucault (2004) denominou de micro-poderes, ou seja, é um poder que possui mecanismos de controle que acaba por se tornar inerente ao corpo social, “de forma que os sujeitos interiorizam o comportamento ditado pelo comando” (p. 229).

Foucault (2004) diz que essas relações estabelecidas no interior são chamadas de “sociedades disciplinares” e tem como intenção o maior controle sobre os corpos e o discurso. Para conseguir tal objetivo, não é precisamente necessário usar da força violenta: outros artifícios discretos e organizados produzem melhores efeitos, pois, a ideia é sempre obter o máximo possível de corpos dóceis (p. 229).

Diante desses enunciados, podemos perceber que na atualidade ainda nos debatemos com a questão relacionada ao preconceito em relação ao corpo negro e a tentativa de “docilizá-lo”. Contudo, através de uma proposta de resistência a uma ordem/discurso imposto/a, os teóricos

hoje rejeitam todo e qualquer tipo de preconceito e a legislação também o faz. Entretanto, temos uma questão difícil de combater e resolver, pois, o imaginário social persiste em reproduzir as teorias racistas que o Movimento Negro tanto busca desmascarar. Se a genética nos mostra que raça não existe, no imaginário popular ainda persistem representações que relacionam as pessoas à cor/corpo e estas à maior ou menor capacidade intelectual, a um ideal de estética e de cultura.

Compreendemos assim, o quanto é importante e necessário que o processo de construção e significação das diversidades sociais seja bem compreendido, porém, isso só acontece quando há o reconhecimento positivo da pluralidade cultural e a valorização das singularidades de cada um – enquanto humano –, de cada uma cultura existente no Brasil. Mas, para isso é preciso conhecer, fortalecer as lutas e as políticas de resistência.

Referências

BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003.** Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União. Brasília, 2003.

FOULCAULT, M. **A ordem do Discurso.** Tradução de Laura Fraga Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. M. Verdade e poder. In: *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Editora 34, 2002.

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2008 [1983].

PEREIRA, L. S. **Afinal, raças existem ou não?** Uma análise do discurso sobre as cotas raciais enunciado por professores universitários. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. 2010.

SANTOS, S. A. dos. **A lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro.** In BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.